

**MULHERES OPERÁRIAS: O COTIDIANO NAS USINAS DE
BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO EM QUIXADÁ DURANTE A DÉCADA
DE 1970**

Roberta Félix Paulino

MIHL/FECLESC-UECE

roberta.felix@aluno.uece.br

O presente trabalho buscou analisar o cotidiano das operárias das usinas de beneficiamento de algodão em Quixadá durante a década de 1970. Nossas entrevistadas são duas ex operárias, que junto com suas filhas, narraram a condição feminina operária na época, dentro e fora das fábricas de beneficiamento de algodão. Dentro da divisão do trabalho, cabiam as mulheres a função de “destrinchamento” do algodão, exigindo rapidez e olhar apurado para tirar as impurezas. Operárias que não tinham acesso ao restante da fábrica, e que lidavam com a sazonalidade do emprego, buscando outros meios de sobreviverem enquanto não havia beneficiamento de algodão. Analisamos, também, as fichas de cadastros dos operários de duas fábricas da época (Quixadá Agro Industrial e Cooperativa Agrícola de Quixadá), e buscamos traçar um perfil dessas operárias: mulheres sertanejas, em sua maioria analfabetas, que buscavam nessas fabricas uma oportunidade de sobreviverem em um contexto de poucos empregos na cidade, sejam na condição de esposas, buscando complementar a renda, ou assumindo o papel de principal provedora da família.

Palavra-chave: operárias, algodão, trabalho

Introdução

Atualmente nosso trabalho de pesquisa no Mestrado interdisciplinar História e Letras tem como objetivo um estudo de caso sobre operários e operárias das indústrias de algodão de Quixadá na década de 1970. Buscamos a partir de um recorte pensar a condição feminina operária dentro do contexto de nossa pesquisa. Buscamos encontrar estudos relacionados ao objeto de pesquisa, e vimos pouquíssimos estudos sobre os operários do algodão na região estudada, e nenhum sobre essas mulheres que participaram desse trabalho.

Nossas fontes são principalmente entrevistas realizadas durante o período de 2018, contudo, o número de ex-operárias que conseguimos entrevistar até o momento

foram duas: Rosalva Queiroz e Martha Pereira. Preciso ressaltar que ao realizar as entrevistas com essas duas mulheres, participaram também suas filhas, que apesar de serem crianças na época também são testemunhas do cotidiano de suas mães e famílias.

Além das entrevistas, tivemos acesso aos acervos das fichas de cadastro desses trabalhadores em duas fábricas da época: Quixadá Agro Industrial e Cooperativa Agrícola de Quixadá. Dentre um acervo de quase 800 fichas de cadastro, optamos por fazer um recorte para obter uma amostragem, e buscar elaborar um perfil das operárias dessa época. Nelas também temos nomes e sobrenomes comuns de mulheres que iremos procurar para confirmar através das entrevistas possíveis graus de parentesco e laços de solidariedade dentro e fora do espaço fabril.

Existiam quatro grandes usinas beneficiadoras de algodão funcionando em 1970 no município de Quixadá: a fábrica SIRLA, da família Baquit; Cooperativa Agrícola de Quixadá (COOPAQUI); Usina Damião II, da família Carneiro; e, Quixadá Agro-Industrial, de posse da família Ventura. Observamos que se pode pensar a historicidade desse processo fabril a partir de diversas experiências, muito além de um progresso técnico evolutivo natural de modernização. O “sistema” fabril na cidade enquanto rede de relações e interesses em comum, mas também como uma “arena de elementos conflitivos”, já que pensamos Quixadá como “um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; uma arena de elementos conflitivos”.(THOMPSON, 1998: 17)

Tal estudo permite a compreensão de outras lógicas do tempo para além da ideia uma suposta “neutralidade” nesse processo, tivemos sim escolhas, conflitos, negociações, rumos alterados. Acreditamos que a mudança de uma cultura não é neutra e nem é homogênea, existem variáveis, já que o desenvolvimento econômico não deixa de ser mudança cultural e essa é imprevisível, e que o capitalismo industrial teve que lidar com resistências. (THOMPSON, 1998: 301-304)

Ao estudarmos o processo de industrialização do algodão em Quixadá percebemos que “não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo

desenvolvimento ou mudança de uma cultura. E o desenvolvimento da consciência social, (...) jamais pode ser, em última análise, planejado.” (THOMPSON, 1998: 304). Isso porque a variedade de mudanças é enorme e existe em meio a vários interesses e experiências concretas envolvidas nesse processo de racionalização e especialização da produção, para que vingue o beneficiamento do algodão.

Operárias e operários do algodão em Quixadá: entre fardos e resíduos da História

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em "isolar" um corpo, como se faz em física, e em "desfigurar" as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto a priori. (CERTEAU, 2006: 74)

Com a citação acima percebemos o quão complexa é a situação de lidarmos com documentos de acervos de outros lugares sociais e compostos para outros fins que não o da pesquisa histórica. Enfrentar o desafio de ressignificar antigos papéis velhos que foram guardados de qualquer forma e que permanecem manipulados muito mais pelos silêncios e pelo mofo que os destroem. Somos nós, como historiadoras e historiadores, que devemos enfrentar a tarefa de indagar as fontes e dar-lhe novos sentidos culturais, ao mesmo tempo em que buscamos as lógicas dos sujeitos em elaborar tais fontes e quais relações sociais estavam estabelecidas no processo em que tais documentos foram produzidos.

É dessa forma que em nossa pesquisa sobre as experiências operárias entre os anos 1970 em Quixadá, que objetivamos e conseguimos acesso aos arquivos dos trabalhadores de duas fábricas que já estão paralisadas, mas que ainda possuem escritórios ativos. São elas “Quixadá Agro-Industrial” e “Cooperativa Agrícola de Quixadá”. Na primeira conseguimos ter acesso e reproduzir fichas desde o ano de 1969 até 1975, na segunda usina fotografamos as fichas de 1974 a 1978.

Percebemos que ao decorrer do período as fichas sofreram transformações em seus dados, visto que com o passar dos anos foram fabricados modelos que apresentavam cada vez mais detalhamento das características desses trabalhadores. Muitas vezes esses dados não eram preenchidos em sua totalidade, mas ainda assim

fornece pistas acerca desses operários e operárias do sertão central. Devemos ressaltar aqui que os modelos de fichas não eram específicos de cada fábrica, assim, ambas possuíam os mesmos modelos que foram modificando-se ao longo dos anos.

Nos primeiros modelos dessas fichas constam os dados básicos, como nome, filiação, lugar de origem, endereço, grau de instrução e registro dos beneficiários, e uma foto 3x4. Já nas fichas mais recentes, dos anos 1970, os espaços a serem preenchidos foram ampliados. Agora nas fichas anotava-se a cor dos olhos, do cabelo, altura, características físicas e/ou marcantes dos trabalhadores para que se pudesse identificar e conseqüentemente ter um controle maior desses trabalhadores.

E dessa forma as informações limitadas aparecem como indícios em que uma história social dessas mulheres e homens podem ser realizadas para se perceber conexões e ações dos sujeitos. Fazer perguntas sobre rastros do passado que carregam relações e visões de mundo em conflito, tensões e negociações. Especular em relação a essa documentação fragmentada e cheia de pistas indiretas:

A história se manteve como uma ciência social *sui generis* irremediavelmente ligada ao concreto. Mesmo que o historiador não possa deixar de se referir, explícita ou implicitamente, a séries de fenômenos comparáveis, a sua estratégia cognoscitiva assim como os seus códigos expressivos permanecem intrinsecamente individualizantes mesmo que o indivíduo seja talvez um grupo social ou uma sociedade inteira. Nesse sentido o historiador é comparável ao médico, que utiliza os quadros nosográficos para analisar o mal específico de cada doente. E, como o do médico, conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural. (GINZBURG, 1991: 156-157)

Nesse sentido, entendemos que com as fichas estamos entrando em contato indiretamente com dimensões vividas pelos trabalhadores em busca de conseguirem manter-se no universo fabril e que assim foi alterando a sua percepção de vida na medida em que “a reorganização do espaço obedece às exigências da racionalização, o que se faz acompanhar da multiplicação das proibições. A máquina reina. Ela se propõe animizada e como que dotada de vida própria, estabelecendo suas necessidades.” (PESAVENTO, 1994: 30). Os trabalhadores encontrados nas fichas foram homens e mulheres no centro dessa engrenagem do processo de beneficiamento e tinham que lidar com fardos e resíduos na busca pela sobrevivência, se colocando como atores sociais num contexto de condicionamentos e possibilidades.

Dessa forma encontramos nas fichas desses acervos encostados em escritórios fotos e nomes completos de trabalhadores e trabalhadores que visavam algum tipo de ascensão social, oportunidade em meio à onda do algodão, onde ao entrar em contato com a ideologia do progresso e do ritmo violento e incessante das fábricas, esses sujeitos estavam tentando ingressar na economia e podiam até se verem como parte dessa riqueza. Ao realizarem o cadastramento rompiam várias barreiras para ascender, na visão deles, e assim se promoverem socialmente e sobretudo garantirem sua sobrevivência:

A ordem se impõe, e o sistema apresenta que são as exigências da máquina que determinaram o novo arranjo. A fábrica vitoriosa se coloca como a responsável pelo progresso, pelas novidades, pela difusão do maior conforto da vida. Tudo o mais é subsumido, e o operariado se converte na figura estereotipada do soldado do trabalho, em alguém cujas origens e cuja vida fora da fábrica não parece existir. (PESAVENTO, 1994: 30)

Tratava-se então de um achado e desafio. Como utilizar tais fichas para o debate das experiências dos trabalhadores uma vez que são limitadas as informações e foram feitas do ponto de vista patronal. Sobre o ponto de vista patronal podemos debater que as fichas eram fontes de tensão e contato e não apenas expressam o poder dos patrões, mas também limites e como as relações se estabeleciam para entrarem e se manterem na fábrica e serem novamente chamados ano após ano. Assim estamos atrás de “tantos outros anônimos que são os protagonistas desta história” (CHALLHOUB, 1986: 53) que apesar de anônimos eram protagonistas no processo fabril e tinham que buscar seu espaço em meio a demanda das fábricas.

A documentação que ao mesmo tempo os classificava e controlava era também o que garantia seu acesso, abria os portões das fábricas, e que hoje, passadas tantas décadas, nos permite que os recuperemos do anonimato e tentemos trazer a tona parte desse protagonismo de quem vivia esse universo fabril e tinha apesar da dureza das condições, imaginamos a preocupação de não querer perder espaço e se possível até conseguir estabelecer laços que garantissem sua permanência no período do beneficiamento, o retorno no ano seguinte e pudessem até trazer outros sujeitos ligados a eles ou elas para trabalharem também na empresa.

As fichas assim indicam que estamos diante de fragmentos das lutas de outrora, em que dadas visões de mundo se encontravam e que tais fontes são pistas desse choque e de como dados sujeitos participaram desse processo. Para pensar o surgimento desse “soldado do trabalho fabril” em maior quantidade em Quixadá então temos nas fichas um campo de observação a ser cruzado com outras fontes mas que permite também uma dada análise específica inicial para se pensar quem eram esses mulheres e homens trabalhadores nos anos 1960 e especialmente na década de 1970.

Encontramos nas fichas várias pistas como fotos, nomes completos, idade, locais de origem, gênero, salário, datas de admissão e dispensa, algumas vezes endereços, de vários trabalhadores e trabalhadoras em diferentes anos e vimos como se repetem também inúmeras vezes tais nomes e rostos em diferentes anos de serviço. Já que eles eram contratados para o período do beneficiamento, geralmente por cinco, seis meses, de abril/maio a agosto/outubro, e logo depois dispensados no fim do ano para retornarem meses depois.

O desafio da sazonalidade

Uma das questões que envolvem a análise da sazonalidade como parte integrante essencial do trabalho operário foi como a maior parte dos operários ficavam apenas parte do ano na fábrica, ocupavam seus empregos na fase do beneficiamento e após o período, tinham que buscar outro tipo de renda. Debatemos como a entrada nas fábricas foi lembrada pelas operárias e operários. Percebemos como relações de dominação podem ser vista em suas falas desde o momento que conseguem adentrar o espaço fabril e no decorrer de suas narrativas observamos indícios de que o tempo do progresso e a busca pela sobrevivência em meio a competitividade e intensa produtividade no processo de beneficiamento industrial do algodão deixou marcas em como apresentam suas experiências:

A realidade do controle social é, portanto, do ponto de vista da classe trabalhadora, algo ambíguo e paradoxal. É ambíguo no sentido de que dá ensejo a práticas cotidianas aparentemente contraditórias, isto é, práticas de microlutas intestinas e de construção de laços de solidariedade. É paradoxal no sentido de que a visão de mundo das classes populares contém e é acrescida continuamente de elementos que as tornam não só objetos do controle social, mas também sujeitos de seu próprio controle. Reside nesse último aspecto, talvez, a principal sutileza da dominação de classe numa

sociedade capitalista: aqueles que são objeto de exploração econômica se sentem, na maior parte do tempo, como se fossem os principais autores de sua própria história. (CHALHOUB, 1986: 151)

Observar que nossos entrevistados comentam laços e posições vividas na fábrica bem como suas funções dentro do local de trabalho e ao narrarem como adentraram o espaço fabril já vimos seu protagonismo condicionado em obterem tal chance de participarem das empresas numa procura de melhora de suas vidas, em suas visões, e como mudam o curso de suas experiências ao entrarem em contato com as lógicas do cotidiano de máquinas, horários rígidos, o controle em torno da produção e da mão de obra envolvida na manipulação do algodão em suas diversas fases.

Assim é que a fala de Rosalva, trabalhadora cujas algumas das fichas na Agro-Industrial encontramos na pesquisa. Ela conta que entrou no universo das indústrias na década de 1960 e que se tratava de sobreviver após perder o marido e numa situação de gravidez:

Enviuei em 66, no dia 27 de abril. Porque quando eu enviuei, sabe, eu fiquei com sete mês de grávida. Essa daqui com quatro anos e a outra com nove mês de nascida. Quando completou os dois mês de resguardo, aí eu fui pra fábrica procurar trabalho, sabe. No tempo de eu solteira, eu já trabalhava com o Geraldo Costa, pai do Ticão, sabe. Ai seu Geraldo Costa era pesador de algodão. Ai quando eu enviuei ai eu fui lá, lá embaixo, pra lá do Quartel. Aquela fábrica que é do Renato, né. Era a fabrica de Seu Zé Baquit. Ai cheguei lá fui pedir emprego, pedir o seu Geraldo costa pra ele arranjar né. Ele era meu conhecido, as outras pessoas que tavam lá no escritório não era conhecido. Ele foi e disse assim: Rosalva agora não que já vai dar onze horas, mas que quando for doze horas pode vir, que você começa a trabalhar. Tá certo, voltei, quando eu almocei fui de novo. Ai trabalhei foi quatro ou cinco anos no trabalho do algodão, com as outras mulheres trabalhando, espalhando o algodão e tudo. Ai depois eu passei pra limpeza do escritório. Ai lá depois venderam pra outra pessoa, ai foi pra Goiás aquela fábrica, ai eu fiquei no escritório. Compraram ali onde antigamente era a P.Machado, fábrica de algodão perto do Seu Assis descendo pra baixo. Ai a gente passou pra lá também, porque era assim: trabalhava seis meses, que era o tempo do algodão, ai quando terminava aquela safra ai as pessoas paravam, ai eu parava um tempo quando eu trabalhava dentro da fábrica. Ai quando eu passei pra limpeza do escritório ai eu passei direto, ai inté, graças a Deus, até 91, trabalhei na limpeza do escritório.¹

Ela narra de sua busca em conseguir um emprego na fábrica através de um contato e como os donos das indústrias faziam negócios entre si. Narra ainda da sazonalidade já citada e que criava uma instabilidade nas vidas da maior parte desses

¹ **Rosalva Queiroz**- operária na fábrica Quixadá Agro-Industrial desde 1965 até os anos 1980. Entrevista realizada 27 de outubro de 2018. **Nome fictício**.

trabalhadores e trabalhadoras. E como era importante para muitos fazer como ela fez: buscar um emprego fixo na fábrica, “passar direto” – algo para poucos em meio a intensa procura que existia para entrar na fábrica e depois se manter lá. As falas ajudam-nos a entender que “a história nos instiga a pensar o social – passado, presente e futuro – como processo tecido na contradição e na luta, e não como “anestesia”, como “mesmice”. (CHALHOUB, 1986: 347)

E principalmente com as narrativas temos como essas mulheres e homens apresentam versões sobre si, suas trajetórias, seus conflitos em relação ao mundo fabril, podemos pensar uma recuperação dos passos desses sujeitos em meio ao contexto de desenvolvimentos das empresas que aceleravam suas produções do beneficiamento do algodão e necessitavam de trabalhadores e trabalhadoras que pudessem não deixar as máquinas pararem:

Eles vivem porque a recuperação de alguns de seus movimentos significou também reconhecermos aspectos relevantes da nossa própria existência (...). Eles nos fizeram compreender que existem diversas versões para os movimentos de sua vida e que sua vida tem sido geralmente construída ou inventada apenas a partir de certas versões. (CHALHOUB, 1986: 347)

Sobre a sazonalidade a partir das narrativas temos a fala da filha de Rosalva, Lúcia, que no tempo da fábrica parada buscava sobreviver com a renda de outros empregos:

Antes ela não trabalhou com nada não, ela só vivia em casa. Até ela trabalhar na fábrica, antes de ela enviivar, ela vivia em casa, não tinha trabalho não. Ai quando ela enviuvou foi que ela começou a trabalhar, porque não tinha quem sustentasse a família né. Ai ela partiu pra esse lado né, de procurar emprego, ai ele deu o emprego. E no período da safra que ela trabalhava, quando terminava aquela safra, ai parava o algodão e ai eles saiam. Então cada um ia procurar outra tarefa pra fazer naquele período do algodão né. Ela ia trabalhar fazendo comida, em restaurante fazendo comida, inclusive ela passava até uma temporada em Pacajus. Quando terminava o período da safra aqui, ela ia pra lá, ai depois eles contrataram ela direto depois pra ficar na limpeza.²

A própria mãe contou como era difícil obter espaço e como existia uma tendência de se manter aqueles que já estavam dentro para o ano seguinte:

Era difícil entrar outra, sabe. Porque era difícil ter uma vaga pra entrar outra. Quando era na época da safra mandava chamar, aquelas pessoas que tinham

² **Lúcia Queiroz.** – filha da operária Rosalva Queiroz que trabalhou na fábrica Quixadá Agro- Industrial desde 1965 ate os anos 1980. Entrevistada dia 27 de outubro de 2018. **Nome fictício.**

trabalhado, aquelas pessoas que já tinham sabedoria de lidar com aquele algodão, não ia deixar de botar uma pessoa que já tinha costume pra botar uma outra que não sabia.³

Rosalva aponta aspectos de sua vida antes da fábrica para ilustrar o quando foi decisivo para ela obter o emprego na empresa Agro-Industrial durante tantos anos como forma de garantir o sustento em boa parte do ano:

Minha filha, era assim: eu lavava a roupa de noite, cozinhava de madrugada, por que ela era maior a outra era pequena, quando eu morei seis anos ai nessa rua, a gente morava na casa de umas tias delas, quatro moça de idade, cada qual com sua natureza. Eu dei mil graça a Deus a casa que seu Joaquim me deu, que eu vim pra cá. Quando eu enfiuei eu tinha 27 anos de idade. Eu me casei com 19 anos e enfiuei com 27. Ai quando eu vim prai, eu achava que eu não ia viver, como é que se diz, com as minha filhas só, eu tive que botar alguém comigo.⁴

Entrevistamos também, uma outra ex operária Marta Pereira, que nos narrou sua história. Sobressaiu-se em sua narrativa as dificuldades vividas e como teve que sair do emprego quando se casou para cuidar da casa e dos filhos garantindo seu papel de outras formas:

Nós nos conhecemos antes, depois que eu fui trabalhar lá. Agora minhas outras irmãs nunca trabalharam nesse trabalho que eu trabalhei não. Sempre elas foram uns trabalhos leve... eu trabalhava e quando tava em casa ainda ajudava a lavar e a engomar, que minha mãe lavava e engomava pra duas pessoas. Trabalhei uma porção de tempo, nem me lembro mais. Eu sai quando foi pra me casar.⁵

Sabemos inclusive que seus filhos mais velhos, ainda crianças, ajudavam na renda familiar em casa montando varandas de rede que eram entregues a uma fábrica de redes conhecida na cidade. Uma de suas filhas, Marieta, nos relatou que sua mãe nunca deixou de ajudar nas despesas de casa mesmo depois de sair da empresa. Ela e os filhos se viravam como podiam e mantiveram vínculos com outra fábrica em meio ao uso desenfreado do algodão na cidade:

Mas ela trabalhava em casa, ela tomava conta de casa, só que ela costurava calções também, ela fazia aqueles calções. E outra coisa a gente também fazia rede, as varandas de rede. Era uma fabrica tinha ali depois da Catedral subindo, mas nesse momento eu não.. Era do Celio, o pai dele era o Celio, ate

³ **Rosalva Queiroz** – operária na fábrica Quixadá Agro-Industrial desde 1965 ate os anos 1980. Entrevista realizada 27 de outubro de 2018. **Nome fictício.**

⁴ **Rosalva Queiroz** – operária na fábrica Quixadá Agro-Industrial desde 1965 ate os anos 1980. Entrevista realizada 27 de outubro de 2018. **Nome fictício.**

⁵ **Marta Pereira** – Trabalhadora de fábrica nos anos 1960, saiu para cuidar da casa e dos filhos com o Senhor Jose Pereira. Entrevista realizada 01 de dezembro de 2018. **Nome fictício.**

falecido, e até a gente pegava essas redes pra fazer trança pra deixar nessa fábrica pra poder ajudar a família. Fizemos muito tempo essas varandas de rede.⁶

Nas falas de suas duas filhas revela-se um pouco do cotidiano em relação ao trabalho que o pai e mãe exerceram na fábrica, a vivência dessas filhas, que apesar de não chegarem a trabalhar no meio fabril, lembram de suas mães, e no caso de uma delas, do pai, voltando do serviço, ou quando iam deixar algo para eles (geralmente refeições) nas fábricas rememoram suas impressões diante o barulho ensurdecedor, ou do imponente maquinário, do número de pessoas, ou dos fardos gigantescos de algodão em que se jogavam divertidamente. Remexendo seu “baú de memórias”, uma delas lembra como era a chegada do seu pai em casa, depois de passar o dia todo (e que muitas vezes se estendia ao período da noite) no trabalho:

Assim porque naquela época eu era menina, assim, eu lembro que meu pai chegava tarde, a gente ficava muito alegre quando meu pai chegava... ele vinha todo sujo de óleo, tomava banho e armava uma rede, botava dois, três ali naquela rede, ele gostava de cantar, sabe, ele gostava de cantar com os filhos dele ali naquela rede balançando...Meu pai gostava de cantar. Ah... ele cantava uma música sobre a mãe... era assim: me lembro ainda de criança, toda noite no meu peito eu chorava. Eu lembro, é muita emoção (chora). Assim era animado, meu pai chegava, naquele tempo né a gente não tinha aquela violência que tem hoje, mas a gente foi bem criado tudo ali, podia passar o que passava.⁷

Sobre sua rotina de trabalho na fábrica, Marta narra um pouco da atividade que exercia na etapa do “destrinchamento” do algodão:

a gente trabalhava lá com uma faca, um novelo e uma agulha... passava a faca no saco, acaba despejava aquele algodão e ia catar as coisa ruim que tinha no algodão, pra poder levar pra máquina. Ganhava por semana. Sei que dava pra gente levar, era um trabalho cansativo, a gente levava muita poeira, tinha que chegar na hora, a gente trabalhava num vão assim, cada uma tinha seu lugar [demonstra com a mão], a gente cortava aquele saco, despejava o algodão, quando acaba fazia a metragem, como se fosse assim, metragem, fazia uma ruma assim.⁸

⁶ **Marieta Pereira** – Filha do casal Pereira, na época tinha 10 anos em 1970. Entrevista realizada 24 de janeiro de 2018. **Nome fictício.**

⁷ **Margareth Pereira** – Filha do casal Pereira, na época tinha 10 anos em 1972. Entrevista realizada 02 de dezembro de 2018. **Nome fictício.**

⁸ **Marta Pereira** – Trabalhadora de fábrica nos anos 1960, saiu para cuidar da casa e dos filhos com o Senhor Jose Pereira. Entrevista realizada 01 de dezembro de 2018. **Nome fictício.**

A etapa de destrinchamento era destinada apenas as mulheres, visto que pelo que coletamos das fontes defendia-se que as mesmas eram mais frágeis para o trabalho pesado e acreditava-se que as mulheres eram mais detalhistas e evitariam deixar qualquer “impureza” ou elemento que prejudicasse o funcionamento da máquina de beneficiar, tão essencial e valiosa para todo o processo.

Observa-se, então, que as mulheres eram mantidas longe das máquinas e que nesse sistema não havia muitas opções a essas mulheres ascenderem de cargo dentro da fábrica, uma vez que os outros trabalhos eram estritamente destinados aos homens, e que a única alternativa era torna-se assistente administrativa, o que era quase impossível visto que percebemos em nossa análise das fichas cadastrais desses trabalhadores, que essas mulheres em sua maioria eram analfabetas. As poucas opções destinavam-se aquelas que conseguissem trabalhar na limpeza do escritório da fábrica, foi justamente o que aconteceu com uma de nossas entrevistadas, dona Rosalva que depois de décadas como operária conseguiu ascender como faxineira no escritório com carteira assinada, para depois conseguir aposentar-se dessa forma. Rosalva narrou sua jornada de trabalho enquanto era atuava na seção do destrinchamento:

Era o dia todim. Não era pesado não, era maneiro. Só que a pessoa ficava com o espinhaço que não agüentava. Não tem a pessoa que apanha feijão? É do mesmo jeito. O salário fazia um acordo com a gente, de dar aquele trabalho porque era muita gente, os homens eram vinte ou mais, as mulher umas 15. As vezes elas trabalhava em duas tulha, botava um bocado de mulher aqui numa tulha, e um bocado açula. Um tipo de algodão aqui numa tulha, outro tipo de algodão na outra tulha.⁹

Outro elemento que podemos notar na fala dessas mulheres são as marcas que o trabalho na fábrica ia deixando na saúde dessas operárias. O lidar constante com o algodão acabava por fazer essas mulheres inalarem constantemente poeira, além da extensa jornada que prejudicava suas colunas. Rosalva que conseguiu sair do trabalho de destrinchar algodão para trabalhar como faxineira no escritório não escapou das consequências do trabalho fabril e acabou por sofrer um problema auditivo pois ficava todo dia próximo ao alarme da fábrica:

⁹ **Rosalva Queiroz** – operária na fábrica Quixadá Agro-Industrial desde 1965 até os anos 1980. Entrevista realizada 27 de outubro de 2018. **Nome fictício.**

Eu fiquei assim, por causa de onde eu fazia o café, o cano passava assim de um lado para o outro sabe. Ai o cano que passava aqui, era uma chiadeira, aquele algodão passando com aquela força né, com aquele vapor, e cai la no outro galpão. Era aquela zoadá na cabeça da pessoa. Até hoje em dia eu ainda sinto dor, quando botam umas fita ai, uma chiadeira que pesa, menino eu fico doíndinha da minha cabeça.¹⁰

Conclusão

Laços mais profundos foram tecidos entre esses sujeitos. Com possibilidades de garantirem juntos mais oportunidades de sobrevivência. Em meio as lógicas da competitividade e produtividade do processo de beneficiamento do algodão no mundo do trabalho tínhamos atores sociais preocupados em garantir sobrevivência e que usaram diferentes estratégias para entrarem e permanecerem nas fábricas. Laços que começam a ser mais descortinados na medida buscaremos analisar as fichas e tentaremos outras entrevistas.

FONTES

ACERVO COOPERATIVA AGRÍCOLA DE QUIXADÁ (COOPAQUI)

- Fichas de Trabalhadores (1971 A 1980)
- Arquivo de fotos (década de 1970)

ACERVO FÁBRICA QUIXADÁ AGRO-INDUSTRIAL

- Fichas de Trabalhadores (1966 A 1979)

ENTREVISTAS

- **Marta Pereira** – ex operária da fábrica nos anos 1960, saiu para cuidar da casa e dos filhos com o Senhor Jose Pereira. Entrevista realizada 01 de dezembro de 2018. **Nome fictício.**
- **Margareth Pereira** – Filha do casal Pereira, na época tinha 10 anos em 1972. Entrevista realizada 02 de dezembro de 2018. **Nome fictício.**

¹⁰ **Rosalva Queiroz** - operária na fábrica Quixadá Agro-Industrial desde 1965 ate os anos 1980. Entrevista realizada 27 de outubro de 2018.

- **Margareth Pereira** – Filha do casal Pereira, na época tinha 10 anos em 1972. Entrevista realizada 02 de dezembro de 2018. **Nome fictício.**
- **Rosalva Queiroz**– operária na fábrica Quixadá Agro-Industrial desde 1965 até os anos 1980. Entrevista realizada 27 de outubro de 2018.
- **Lúcia Queiroz.** – filha da ex operária Rosalva Queiroz que trabalhou na fábrica Quixadá Agro- Industrial desde 1965 até os anos 1980. Entrevista realizada 27 de outubro de 2018.

Referências bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

GINZBURG, Carlo. **Mito, emblemas e sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade: vida e trabalho – 1880-1920.** Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1998.

THOMPSON, Edward. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.